

Metódica para estudantes de direito - Ainda o espírito universitário e os seus hodiernos inimigos

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: No seguimento do nosso anterior artigo “Para um Guia Metódico do Estudante de Direito – Introdução ao espírito universitário dos juristas”, publicado em “Notandum”, São Paulo / Porto, ano XIX, n. 40, o presente estudo retoma algumas teses que, de acordo com uma velha tradição académico-jurídica europeia (mas sempre com vistas de futuro), podem ser consideradas essenciais para que um estudante de Direito se torne um verdadeiro jurista. Muitas delas não lhe são específicas, tratando-se do comungar de um espírito multissecular; mas outras são mais determinadas pela especialidade, e uma ou outra pelo tempo presente. Estas duas últimas constituirão parte do que vimos chamando Metódica (e não Metodologia) jurídica.

Palavras Chave: Estudo do Direito, Universidade, Educação, Metódica Jurídica.

Abstract: Following our previous article “Para um Guia Metódico do Estudante de Direito – Introdução ao espírito universitário dos juristas”, published in “Notandum”, São Paulo / Porto, ano XIX, n. 40, this paper revisits some thesis that, according to an old European juridical and academic tradition (but not neglecting the ways of future), may be considered as essential to transform a law student into a real jurist. Many of those aspects that we must consider are not specific of Law, such as the case of a centuries-old spirit, but others are certainly more determined by the Law specialty, and one or the other by the challenges of our own time. These last two will form part of what we have been calling Methodical (not Methodology) Legal Studies.

Keywords: the Study of Law, University, Education, Legal Methodical.

I. *Levar a Sério a Educação*

O cidadão comum, mesmo o cidadão interessado e pretensamente informado (que busca a informação, que quer saber o que se passa...e que também se quer formar...) anda muito absorvido com o imediato, coisas do momento (algumas sem dúvida importantes, mas tudo é relativo), e não para nem pensa que estamos a comprometer seriamente o futuro com uma clamorosa falta de estratégia educativa. Estratégia educativa global, claro.

Com exceção de alguns discípulos ou adeptos muito fiéis, que foram normalmente criados no sistema e nada mais sabem senão os mantras dessas ideias pedagógicas (que – seria divertido se não fosse trágico – se revelam frequentemente tão antipedagógicas quando postas em prática elas mesmas), poucos serão os que, num julgamento independente, terão hoje em dia ainda confiança nas inovações desestruturadoras (não, obviamente, nos progressos tecnológicos em si, por exemplo) que, de há algumas décadas, têm transformado um ensino sem dúvida autoritário, pobre, dogmático e cinzento (mas em que se aprendia alguma coisa, e havia tempo para, fora dele e até contra ele, aprender muito mais) num ensino totalitário

¹ Prof. da Universidade Anhembi-Morumbi (*Laureate International Universities*); Bols. da FUNADESP na FADISP; Catedrático de Direito da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, presentemente em licença; do Comité *ad hoc* para a Corte Constitucional Internacional.

plastificado e burocrático para os docentes, que consome o tempo e as energias de todos até à exaustão (ou então deixa os estudantes à deriva), mas em que pouco se aprende, e que não prepara para a vida. Tudo isso sob pretextos e argumentos sem dúvida em geral muito louváveis, mas que não têm aplicação em causa própria (tudo é aprendido dogmaticamente, à antiga, e sem discussão, também à antiga) nem resultados.

É curioso que, sob o impacto certamente do complexo do modernismo e do politicamente correto, neste caminho de descaminho educativo confluem muitos inteligentes e bem intencionados, tanto das esquerdas como das direitas. Dir-se-ia que há, entre os *clerics*, uma grande sintonia, para além da ideologia. O que é mau, muito mau sinal, dado que noutros aspetos o agnismo é total, e cada vez maior.

O elitismo é a regra real, por detrás de uma apregoada democratização, *para Inglês ver*: como os melhores sobrevivem até a este sistema (felizmente), alguns deles julgam que o sistema é em si bom. Aliás, pintam-lhe as alternativas de cores tenebrosas... Mas nenhum sistema educativo deve ser avaliado pela bitola apenas dos melhores. A verdade é que se está a desperdiçar o potencial de grandes massas, que vivem iludidas com as promessas de escolarização, e mesmo títulos e graus, que passam, na prática, a valer muito pouco. A vários títulos.

Depois de tanta água ter passado sob as pontes, ainda estamos entre dois exageros. De um lado, os que acham que a pedagogia é deixar os estudantes, em qualquer nível de ensino, em qualquer idade e com qualquer preparação fazerem tudo o que lhes apetece, porque eles é que sabem tudo, e isso é que é criativo; e de outra banda os que, em iguais condições, acham que os alunos não podem fazer nada que não seja sob a batuta de um professor monocórdico, autoritário, e na verdade pouco inteligente, pouco sabedor e nada criativo, mas que julga que sabe tudo. Entre uns e outros, é porém possível encontrar meios termos muito mais proveitosos...

Há prioridades educativas. Deve haver essas prioridades. Por exemplo: mesmo na simples alfabetização se pode e deve ensinar Cidadania e a Constituição (veja-se o papel do jovem advogado por um tempo mestre escola (James Stewart) no “Oeste selvagem” no filme *The man who shot Liberty Valance*, de John Ford, EUA, 1962). Seria preciso pensar bem programas mobilizadores das sociedades (não apenas descarregar sobre os professores) contra a falta de informação fundamental (cultura geral, orientação no mundo, coisas básicas e úteis, no sentido mais profundo de utilidade...) e contra a falta de sentido crítico, além de falta de formação ética.

Este laxismo, este absentismo educativos são também elitistas. Nem todas as crianças e adolescentes têm a sorte de ter exemplos claros e próximos de grande informação, de grande discernimento contra a propaganda e a conseqüente alienação. E nem sequer abundam oportunidades, em famílias que cada vez mais mal se veem entre si (pela premência de trabalho cada vez mais absorvente dos pais), de se poder aprender com óbvios e marcantes exemplos familiares de rigor e coerência éticas. Nem sequer um mínimo de boas maneiras, um mínimo de convivência social se está a passar aos mais novos. O desprezo pela dignidade, pela liberdade, pela vida e pela propriedade alheias está a crescer em muitas sociedades...

Com a *Internet*, facilmente se propalam erros, inverdades, confusões, ódios verrinosos, manipulações, ingenuidades, e se confisca tempo e disponibilidade para coisas que interessariam. Obviamente tem este *Brave new world* muitas coisas positivas, mas só para quem já sabe, como lembrou recentemente Umberto Eco.

Creemos que é necessária uma desperta preocupação das forças vivas, nos vários Países, com o futuro da Civilização "as we know it", como diriam os Ingleses. Há conhecimentos, valores, princípios, regras básicas que não estamos a passar de

forma alguma às novas gerações. E não se acredite que eles vão poder inventar tudo de novo. *Somos anões aos ombros de gigantes*, como dizia São Bernardo. O problema grave é quando não conseguimos saltar-lhes para os ombros...

II. Educação: prioridade e *conditio sine qua non*

É necessário ter um sentido das proporções e da importância relativa das várias dimensões. Os maiores problemas não são económicos, são políticos. Os maiores problemas não são políticos, são sociais. Os maiores problemas não são sociais, são morais (ou éticos). E a mais elementar ética é a educação, ainda que hipócrita. Requerer-se-ia ao menos um pouco de educação hipócrita, por favor. Sem isso, não se respira sequer.

O primeiro requisito a exigir de um estudante ao entrar na Universidade (evidentemente já antes dela, mas ao menos quando nela queira entrar) é o da educação. Não a educação reprimida e servil de outrora, mas a educação respeitadora e natural que hoje é democraticamente possível. A educação pressupõe a abertura de espírito, o gosto pelo aprender, o respeito pelos colegas, funcionários e obviamente pelos docentes. Quem vai para a Universidade passear, socializar, mostrar roupas e celulares, automóveis e intrigas, ou pura e simplesmente namorar ou procurar conquistas julga normalmente que vai de passagem e ancilarmente a um *shopping* de diplomas. O grande problema é se, por mil e uma razões (uma das quais pode ser a ganância de escolas privadas, outra o pauperismo das públicas) as instituições dão razão a esse tipo de “cliente”, que assim se considera, e acha que *tem sempre razão*.

A condição docente numa Universidade que não pugne pela qualidade e que portanto só admita quem nela mereça estar é servil, é degradante, é sem nome. A condição dos estudantes que vão para uma Universidade aprender e a veem rebaixada é patética... Contam-se histórias terríveis, pelo mundo fora, como ainda se chamam universidades a ninhos de víboras, sacos de lacraus, passarelas de moda, viveiros de intrigas, e retalhistas ou atacadistas de diplomas... Isso não são, evidentemente, Universidades.

Ainda mais revoltante é a situação em que se não vislumbre nenhum critério objetivo (ainda que perverso) de discriminação: quando se vê o puro caos nas admissões, ou nas aprovações. Quando tanto o candidato cheio de empenhos passa como não passa, e o que tem valor e não tem padrinhos pode ser aprovado ou reprovado, admitido ou não admitido... A pior das ordens é a desordem. E há casos em que o caos impera... Essa desordem pode iludir a alguns como justiça. Mas é apenas uma ilusão... Não se pode ser justo só de vez em quando. Tem de se ser sempre, coerentemente.

III. Aulas, Auditórios, Sessões Académicas

1. Aulas

Há muita confusão sobre o que seja, o que signifiquem e para que sirvam as aulas. Evidentemente, há-as de vários tipos, e deverão acompanhar, no seu estilo, as diferentes matérias, as várias ciências ou *epistemai*. Mas valerá a pena refletir um

pouco sobre as aulas em geral, evidentemente tendo em especial em mente aquelas que mais de perto conhecemos, num e no outro lados “da barricada”.

Infelizmente, para alguns uma aula é um exercício de despotismo (do professor que se acha um deus, ou, inversamente, do estudante que “está pagando” e que o quer como comediante ou pelo menos serviçal, atento, venerador e obrigado), ou uma troca de informações mastigadinhas do professor ao aluno, ou uma charla com uma anedota no princípio, outra no meio e outra no fim... Outra versão para “aula” será a aplicação em cena de teorias complicadíssimas (e por si mesmas antipedagógicas) de quem não sabe que matéria realmente ensinar e obriga os outros a não ensinarem o que têm que ensinar para que pretensamente aprendam o que pretensamente lhe têm a transmitir, não podendo o professor-transmissor nada transmitir a terceiros... E mais umas coisas assim...

As aulas também não devem ser (salvo em casos de ausência clamorosa de fontes a elas exteriores, o que hoje é difícil ocorrer, desde logo com o enorme manancial da *Internet*) uma simples exposição da matéria que o professor quer que os estudantes por seu turno venham a debitar nos exames. Tem que ser sobretudo um momento de criação interativa (o mais possível), em que se dialoga, em que se pesquisa, em que se cria. E mais ainda e especialmente, um momento em que o Professor entusiasma os estudantes. Em que eles ganham interesse nos temas e motivação para estudarem por si, irem mais além. Evidentemente se o docente tem de repetir o que dizem os manuais, e cumprir um programa longuíssimo em poucas aulas, ou se tem de suportar estoicamente uma classe insubordinada (oh expressão educativamente incorreta!), não se irá muito longe nestes objetivos, e será uma bola de neve de frustrações mútuas.

2. Auditórios

As pessoas acoissadas, humilhadas, espoliadas, ofendidas, por um lado, ou as simplesmente sem esperança (e esses podem ser privilegiadíssimos), por outro, são impiedosas se para tal tiverem oportunidade. Não se pense que se cavalga qualquer onda, ou qualquer sela. Acreditamos cada vez mais na sorte. Sorte do político, sorte do demagogo, do orador, ou do professor que se dirige a um auditório.

Antigamente, a sala de aula era um templo ou um túmulo. Hoje pode ser a rebelião permanente se o professor não revelar a sua *auctoritas*. E a forma de o fazer varia muito conforme o público. Começamos a pensar (o que tem graves implicações) que já há públicos de tal forma deformados que não há *auctoritas* que valha. O mesmo professor, em concreto, pode ser respeitadíssimo perante um público, e tratado *abaixo de cachorro* (para lembrar a *dura praxis* da Lusa Atenas) por outro público. Não é, portanto, como durante muito tempo se pensou, uma questão de carisma. Perante a insubordinação intrínseca de pessoas que não têm qualquer interesse no saber, nenhum carisma vale.

Mas vamos ao carisma normal, com públicos normais, minimamente interessados. Desde logo, precisa-se de a ter essa vocação irradiante, essa seriedade e competência trasbordantes, essa capacidade de comunicar e entusiasmar os outros, que não é dada por títulos, nem graus... É, realmente, um carisma. Mas depois o docente tem de passar as mil e uma provas surdas a que mesmo sem o saberem os estudantes o submetem. Que vão do imaginável ao inimaginável.

Porém, reforçemos o que dissemos: se o seu público for de pessoas que estão na escola obrigadas, ou displicentes, certas da aprovação (“do canudo”), e pior ainda

se acreditam que pagam o salário do professor ("estão pagando...") nenhum carisma livrará o pobre docente...

A condição docente degradou-se profundamente. E a discente também. Só que a discente disso não se dá conta... No meio de tudo, os mais prejudicados ainda são certamente aqueles bons e diligentes alunos que gostariam de aproveitar boas e tranquilas aulas de professores competentes que as não podem dar (ou dar em paz) dada a guerrilha dos que estão realmente a mais na Escola.

3. Sessões Académicas e outras

Há estilos diferentes para aulas, para palestras, para mesas redondas, para seminários, etc. Entretanto, nos últimos tempos o exibicionismo sobretudo potenciado pelas redes sociais (que podem ser usadas de forma excelente, como é óbvio) tem levado a que se veja muita perversão das formas, poder-se-ia dizer dos ritos próprios de cada coisa. Desde logo, as indumentárias, como é evidente. Não se usa fraque ou casaca na praia, naturalmente. Mas há cada vez mais casos de excesso de cerimónia ou de cerimónia nula, que podem deixar as pessoas que conhecem minimamente as regras no mínimo sem graça. E no máximo chocadas e até indignadas.

Não é apenas a indumentária deslocada. É muitas vezes a atitude, a pose...

Porque é que os académicos (e até docentes) têm de posar em momentos de formatura, ou até festas como se fossem atores de variedades, ou afins? Porque é que os êxitos académicos têm de ser relatados como KO de boxe? Porque é que um lançamento de um livro deve parecer-se com uma passagem de modelos? Porque é que um prémio literário ou científico tem de se aparentar com uma sessão de óscares? E (diga-se também em abono da verdade e de algum arejamento dos hábitos) porque é que as sessões que fogem destas novidades parecem na maior parte das vezes velórios? Não haverá meio termo, respeitando a tradição e a adequação da forma ao fundo?

IV. Docentes

1. Adversidades

Em alguns países, contaram-nos casos de quem tenha verdadeira pena (palavra mais eloquente deveria ser talvez "dó") dos hoje em dia tão desconsiderados docentes (tanto mais quanto mais elementar o nível de ensino).

Mal vistos socialmente (nem todos os países são o Oriente, ou a Finlândia – para referir dois grandes mitos de consideração pelos Professores), com baixos salários, com reais horários que não deixam respirar, ao mesmo tempo que caluniados pela opinião comum que lhes assaca terem precisamente poucas aulas e muitas férias, sob a espada de Dâmocles de avaliações de todos (quantas vezes permanentes, frenéticas, paranóicas), a ter que dar contas por si de resultados que dependem de outros (na maioria dos casos, o problema não é ensinar, é estudar e até mesmo ter ou não ter capacidade). E sempre sob o controlo, a hierarquia e por vezes mesmo a estigmatização e mesmo a prepotência de mil e um senhores: que vão de governantes de vários níveis (que chegam a apoucá-los; e para além de se aprimorarem na ablação de direitos, há a exautoração, simbólica) aos colegas e até subalternos eventualmente investidos em funções de importância e poder, aos pais e aos alunos... Servir a muitos

senhores, sempre. Uma multidão deles. E por todos ser maltratado. Até já em alguns países se culpam por coisas (como *déficit* alto) bem para além das suas forças... A culpa seria sua por não se terem demitido, e liberado assim o orçamento, ou alguma parte dele... – só para dar um exemplo, que (uma vez mais) só poderá ser cómico, porque é tragédia demais.

2. Superações

Os professores universitários são em geral grandes idealistas, ao ponto de poderem sê-lo tão em demasia que prejudiquem os outros (pelo menos alguns) e obviamente se cheguem mesmo a maltratar a si próprios.

Todos os professores com alguma experiência académica conheceram certamente colegas defasados da realidade, fora do tempo e do enraizamento local, acreditando piamente e até fanaticamente, como coisa mais óbvia e natural do mundo, que as suas disciplinas, e muito particularmente essas cadeiras regidas à sua maneira (por vezes bem bizarra) resumiriam o alfa e o omega da Existência.

Em contrapartida, também nenhum professor ou estudante certamente deixou de testemunhar um outro tipo de professor: aquele que faz os mais arrojados e por vezes hercúleos (e sacrificados) esforços para se manter dialogante, atualizado cientificamente (*lato sensu*: pode ser literária, artística, filosoficamente...) e empenhado em dar o seu contributo sério e empenhado para a *Scientia* (ou *Episteme*), enfim, para o Saber.

Não são incomuns os casos de quem se arruinou (por exemplo, consumindo património familiar ou pessoal, ou mais imediatamente uma herança recebida) por amor à sua arte docente e investigadora. E ainda mais nobres e de louvar são os inúmeros casos de colegas de posses parcas (e por vezes de origem humilde, o que é normalmente um *handicap* terrível num meio como o universitário; e se forem de etnia estigmatizada pior ainda, como já lembrava Max Weber) que gastam diuturnamente muito mais do que poderiam. Alguns mesmo mais do que recebem pelas suas aulas – o que não é de espantar, atentos os preços de mensalidades de mestrados e doutorados, desde logo, para não falar em preços de livros e materiais de trabalho, dependendo das especialidades. E evidentemente que viagens e estadas de estudo não subsidiadas, ou insuficientemente reembolsadas, são fatais para as finanças pessoais de qualquer um.

É difícil entender porque existirá um abismo tão grande entre o que se pensa ser a maioria dos professores e a maioria dos estudantes (obviamente numa avaliação empírica: mas valeria a pena fazer estudos sociométricos rigorosos) quanto aos esforços financeiros para a aquisição de livros.

Uns e outros membros da Academia, em princípio interessados nas mesmas coisas, deveriam comungar de um mesmo espírito, logo, das mesmas paixões. O caso dos docentes parece até ser patológico, visto de fora, por quem não entenda o sentido da sua vocação: é que eles não apenas compram livros que podem comprar, como os que não podem adquirir, como ainda se endividam para o fazer. Mas mais: compram livros que lerão e anotarão, e serão companheiros de viagem longos anos, ou vidas inteiras, mas igualmente livros que não terão sequer tempo para abrir, e que aguardam umas almejadas férias, uma suspirada sabática, mas que acabam sempre por ser consumidas por mil e uma corveias.

Finalmente, há professores que não só compram livros para si como compram livros para os outros. E alguns mesmo que fazem tudo isso, e ainda escrevem livros seus. E quando se pensa que aí sim, irão ganhar dinheiro, e ao menos começar a

compensar os gastos enormes despendidos com os livros adquiridos, pasme-se: nada disso vai ocorrer. Os seus livros académicos normalmente têm escassa venda, porque os colegas esperam que lhes ofereçam, e muitos estudantes bastam-se com apontamentos das aulas ou (nova moda) fotos dos *powerpoints* que tiram nas aulas, no máximo umas fotocópias de umas partes estratégicas. Mas os autores são os primeiros culpados, porque chegam a comprar livros seus para oferecer. Assim a produção autoral dos professores passa a ser de novo responsável pelo seu empobrecimento alegre. Na cultura, pois, como na agricultura: trabalhar empobrecendo alegremente... ou nem tanto... Escrever, e publicar, são, pois, mais um fator de dano das finanças dos professores e das suas famílias. A menos que o façam na *Internet*, sem custos de edição, sem edições a oferecer do próprio bolso (porque os editores, que antigamente eram relativamente pródigos, cada vez mais se defendem de dar ao autor precisamente os livros dos que ainda haveria uma remota possibilidade de virem a ser compradores).

Do lado dos estudantes, a questão é diversa. É verdade que em algumas situações e sociedades têm verdadeiras dificuldades em frequentar as aulas, penar nos transportes para lá chegar, e conseguir dinheiro para as caras mensalidades. Assim, livros são aquilo de que prescindem primeiro, não podendo cortar noutras coisas. Mas esta situação não é a geral.

Há em muitos casos estudantes de famílias muito abastadas que são o público principal e por vezes quase exclusivo de certas escolas e universidades, e nem por isso compram livros. O que é aparentemente estranho. Trata-se de valorizar ou não valorizar esse tesouro precioso. Ninguém desconhece o espetáculo colorido e de *beautiful people* dado não apenas pelas festas glamorosas de algumas universidades, mas pelo quotidiano da presença de gente alegre, despreocupada, com imenso tempo livre, que enche ruidosamente os bares em torno das universidades e que também alegra os seus átrios e zonas sociais. Havia professores mais velhos que chegavam a atribuir a sua juventude ao convívio diário com tão simpática e agradável e jovem companhia. Cremos que hoje o não fazem por correção académica, embora alguns, mais irrecuperáveis para os modos hodiernos, ainda o possam fazer. Ninguém gosta, pelo contrário, ninguém certamente apreciaria, uma academia de jovens sem juventude, macambúzios, trajando de tristeza e com a pobreza estampada em rostos sofrido-res. E contudo há escolas de pessoas *hiposuficientes*. Porém, parece que a cultura, o ambiente universitário, transmudam tudo em mais vida e mais cor. E está muito bem. É de aplaudir e admirar. O que é mais complexo e preocupante é outra realidade...

Essa realidade é a da dissociação das elites económicas e políticas do conhecimento, do saber, e evidentemente não apenas da mera competência técnica (mas também dela) como da cultura clássica, esse legado de alguma forma universal e canónico que, antes de mais, permite a grande conversa (a *great conversation* de Mortimer Adler) tanto de uns povos uns com os outros (pelo menos dentro de uma certa Civilização, ou como se lhe queira chamar) como de séculos de sucessivas gerações umas com as outras.

Até há não muito tempo, com altos e baixos evidentemente, as classes emergentes e ascendentes, fossem conservadoras fossem revolucionárias, sempre tinham prezado o conhecimento nessas duas dimensões: Tecnologias novas, sem dúvida, mas também clássicas Humanidades. Sempre houve e foi e é salutar que haja irreverências e derrube de ídolos. Veja-se o filme *Dead Poets Society* ou o poema de Almada Negreiros, *Manifesto Anti-Dantas*. Mas note-se que todas as meninas emergentes da burguesia no séc. XIX e durante quase todo o séc. XX queriam, na verdade, ascender ou manter a sua ascensão ao mesmo tempo social e cultural tocando piano e falando francês. Por outro lado, um revolucionário como Karl Marx (mas isso

se diria de muitos dos marxistas) não desdenhou de escrever uma tese sobre dois clássicos e em Filosofia: foi sobre Demócrito e Epicuro.

E hoje? Arriscamo-nos a ter a casca sem o sumo. O objetivo para uma larga camada interclassista é ter-se um curso, eventualmente muitos cursos. O novorriquismo claramente chegou ao mundo académico. Mas o problema é que, do simples cursinho ao pós-doutoramento, sabe-se lá se à livre-docência (e sim, claramente, o doutorado) tudo parece estar ao alcance de quem queira, desde que pague. E (é uma ressalva a fazer) não fique pelo caminho num qualquer momento em que esbarre com um professor poderoso (decisor ao menos) e preconceituoso, ou que não goste da cara do candidato. Pior se o candidato desagradou a uma capelinha teórica ou ideológica.

Contam-se cada vez mais rumores de teses pagas, de teses feitas por medida. E de turismo académico para obter cursos mais facilmente (embora noutros casos seja o contrário, e não se possa tomar o justo pelo pecador com quaisquer generalizações). O que principalmente choca é a cultura de exibicionismo de forma alguma seguida ou baseada em trabalho e qualidade.

Ao mesmo tempo que pode haver ainda muita arbitrariedade (sobretudo em julgamentos orais, entrevistas, etc.), há muito laxismo (mas com rigorismo para alguns), e do mesmo modo ao mesmo tempo que há muito turismo académico (com muitos estudantes turistas em sua terra até) há também exigências (sobretudo para os docentes, certos candidatos a pós-graduações, etc.) assustadoras, em alguns casos e países.

Nunca mais se irá a lado nenhum na Educação, na Cultura e afins se a cultura da qualidade intrínseca, só possível no ócio com dignidade, de que falava já Séneca (pelo menos), continuar exilada das instituições e das preocupações e imperar a cultura da vaidade, dos ódios, das mesquinhas, das vinganças, da ostentação, do faz-de-conta, da cobrança, do fingimento, do *bluff*, etc. E do frenesim laboral... Como se uma universidade fosse uma linha de produção.

Felizmente há oásis... E docentes que conseguem sê-lo mesmo, apesar de todas as adversidades.

V.Cultura da Anticultura

1. A Qualidade debaixo de Fogo

Há anos que é de bom tom caluniar os bons alunos, as pessoas aplicadas, e as pessoas que sabem. Pelo menos ironizar sobre eles. Há um culto da estupidez muito espalhado, mais subtil ou menos... A alarvidade tem muito palco e também tem dinheiro e poder por vezes... Ao passo que o saber é pobre, discreto, e acossado em muitos casos. Veja-se a condição do Professor.

A cultura real (com solidez, profundidade...) deu frequentemente lugar a uma passagem de superficialidades e modas promovidas pelas luzes de néon. Está já patente que quem não estudou e não sabe (e não acrescentou experiência ao estudo) não pode ter realizado bem, nem virá a suprir no afogadilho do momento de qualquer cargo ou empresa a sua falta de formação. Em todos os níveis.

O coro de sequazes, o Coro da nova tragédia (só que este atento, venerador e obrigado), a comunicação social favorável (ou as intrigas, a nível mais privado) não podem suprir o que se não tem. Aliás, tudo está na base da própria capacidade. *Quod*

natura non dat Salmantica non prestat... Imagine-se sem nenhuma participação da Universidade a sério, seja ela de Salamanca, ou outra, de valor igualmente...

A qualidade das intervenções e muitas situações de facto a que somos condenados a assistir tem a ver antes de mais com a inteligência e com a honra dos intervenientes. E depois com a sua formação.

É pena que gente honrada possa ser menos inteligente. É pena que gente inteligente e honrada não tenha estudado o suficiente. Mas o pior são as outras hipóteses. Todas as outras. É urgente deixarmo-nos de complexos e começarmos a valorizar a inteligência, a retidão e o estudo. As três.

2. Trigo, Joio e Modas

Há ainda quem fale, e bem. Quem escreva, e bem. O grande problema, porém, é que há quem fale ou escreva bem, coisas acertadas e justas e de nada valha, e quem fale e escreva mal, coisas erradas e iníquas e seja escutado e a sua palavra seja como um *abracadabra*....

No contexto da nossa sociedade de massas e de espetáculo, mesmo (o que é terrível) em matérias com conexão académica, infelizmente não é sempre a palavra que vale em si, nem muito menos a ideia que encerra. É frequentemente o palco e o eco que tem, e o pedestal de onde é proferida... E muitas vezes esse palco é um renome artificial. Por isso, a melhor maneira de guiar o seu espírito é não acreditar nas falsas famas criadas artificialmente e formar-se de tal forma, e com tal sentido crítico e capacidade de avaliação que se possa julgar diretamente o valor de qualquer um. Mesmo as grandes luminárias. E a democratização parece ser criação de clubes de fãs.

Pelos vistos são coisas que não mudam nunca, as glórias postiças. Alguns acreditam que o tempo pode ser um “grande escultor”, como o título de Yourcenar, e vir a fazer justiça. Isso pode ter ocorrido talvez no passado, em alguns casos, embora haja ainda muitos génios esquecidos. Quem se lembra de Manuel José de Paiva, que terá antecedido o próprio marquês de Beccaria no humanitarismo penal das Luzes? Só que não teve um Voltaire para o promover, e era um obscuro juiz português...

VI. Exageros, Desvios, Erros

1. Sede Angustiada de Saber

Apesar de certamente alguns de nós conhecerem pessoas enciclopédicas, que sabem (mesmo, não fingem) muito de muitas coisas, não se pode saber tudo... Não poucas pessoas, com a noção da imensidão de coisas a saber, sentem-se aliviadas, e com razão, pela divisão do trabalho e a divisão do conhecimento. Com as divisões "naturais", claro, não as impostas e artificiais.

Há, naturalmente, quem se interesse teórica e praticamente por potencialmente tudo quanto há para fazer e saber. Isso deve realmente deixar-nos aliviados. Tranquilos para tratar do nosso jardim, do jardim de coisas que pessoalmente nos interessam e que sabemos fazer mais ou menos bem.

Há porém um certo tipo nervoso e angustiado de universitários (sobretudo docentes) a quem se meteu na cabeça que teriam que saber tudo de tudo, ou, pelo menos, tudo da sua "especialidade", que normalmente prezam e defendem como se fosse feudo pessoal. Ora é evidente que das duas uma: ou se tornarão profundamente ignorantes e dogmáticos, reduzindo o saber imenso àquilo apenas que sabem (que, por muito que seja, será sempre um grão de areia), ou se revelarão sumamente

imprudentes ao querer estudar como loucos para tentarem (em vão) abarcar tudo o que se pode saber (conseguindo chegar a um grão e meio de areia). Dois extremos nefastos. Deixassem saber e espaço para os outros!...

É tão ridículo o mundo acadêmico nos seus exageros: enquanto têm alguns estudantes que *não estão nem aí* para o que ensinam, alguns professores acreditam que vão conseguir saber tudo. E pior ainda se se persuadirem que vão conseguir ensinar tudo o que sabem... Que já é muito, embora seja ínfimo...

Acreditamos que a extensão mastodôntica de alguns programas ou planos de estudo e de aulas universitários decorre dessa sede angustiada de meter o Rossio na Betesga, de mostrar que se sabe muito, e que portanto se deveria ensinar demais. E se fôssemos mais modestos? Uma cabeça bem feita vale muito mais que uma cabeça cheia, ensina a elegante e sábia pedagogia francesa.

2. Filosofia mal Digerida

Uma interface, confluência, interdisciplinaridade e até pós-disciplinaridade (novo conceito de Gonçal Mayos) entre o convencionalmente chamado Direito Positivo, em qualquer dos seus ramos e a assim dita Filosofia do Direito (e a própria Filosofia *tout court*) é sempre um trabalho tão bem-vindo quanto não só muito difícil como de algum modo raro.

Michel Villey, mestre dos nossos mestres em Paris, dizia que (e é uma verdade geral, embora nem sempre o seja em concreto) os juristas se debruçam um pouco tarde sobre a Filosofia. Isso tem um custo, para muitos: como cremos já o ter ouvido mais que uma vez ao Prof. Luiz Fernando Coelho, há por vezes um fascínio provinciano de alguns juristas pretendendo à Filosofia, que os faz ser (sobretudo nos países com menos filósofos internacionalmente conhecidos) sequazes incondicionais de uma moda ou de um autor estrangeiro qualquer, que encaram como uma divindade, e divindade sectária. Por essa via alienígena e provinciana ou por outras, que longo seria dissecar, também há casos em que a verdura ou ingenuidade da preparação dos juristas em filosofia se faz pela reedição daquele *ar grão senhor* de que falava Kant. Esse ar não é contrário ao amorismo, dir-se-ia que pelo contrário. E temos também não raro exercícios de colagem de Direito e Filosofia do Direito ou Direito e Filosofia. Não é um híbrido agradável, porque, ao contrário das peças de Lego, nem tudo consegue encaixar com tudo num todo coerente, ainda que inovador ou original. Melhor ainda se novo.

3. O Problema da Credibilidade das Fontes

A questão das fontes é em geral comum a muitas disciplinas, jurídicas e não jurídicas. E embora a questão ganhe grande relevo e evidência por exemplo na História, também noutras áreas, embora com menos visibilidade, esse é um problema vital.

Há coisas fatais para a credibilidade de uma fonte. Por exemplo: Se a fonte é incoerente no seu discurso. Se ela própria cita fontes manifestamente não credíveis sem as criticar. Se o estilo é inseguro, e/ ou excessivamente empolado (a procurar afetar sabedoria que não possui). Se está o seu texto repleto de erros ortográficos e/ ou sintáticos. Se proclama um discurso de ódio, preconceito, absurdo, ou manifesto erro histórico, lógico, geográfico, matemático, etc.

Há muitas razões evidentes para recusar, ou pelo menos para suspeitar de uma fonte. A suspeita, a menos que se esteja perante algo de clamorosamente imprestável, é o melhor procedimento, porque mesmo no lixo de Énios se encontra oiro para Vergílios... Trata-se de pesquisar, procurar as fontes das fontes, verificar, joeirar,

avaliar na balança de Minerva. Podem encontrar-se maravilhas em lugares aparentemente de recusa. Tudo custa esforço, trabalho, concentração, dispêndio de tempo. Esta é uma das coisas que se faz em pesquisa, para além do *glamour* de se dizer pesquisador... Se é que tem algum... Criticar as fontes, avaliar as fontes, buscar fontes é um trabalho imenso, e não sabem a sorte que têm aqueles estudantes que só devem estudar um manualzinho, já muito resumido... Sorte ou azar, porque há inefáveis aventuras na construção do saber pelo diálogo com fontes primárias...

E há casos mais complexos, de algum modo simétricos dos referidos. Como sabemos, de vez em quando até os Homeros dormitam. Pode haver erros gritantes aqui ou ali num autor de grande qualidade. Será que tal o vai desqualificar totalmente? Em princípio não, é óbvio.

Confessamos que nos agrada algum rigor, aqui. Porque pode bem acontecer que haja falsas glórias, modas que se produzem porque levadas no andor mediático, ou por redes de amizades ou sintonias ideológicas ou afins. Podem grandes gloriolas da hora realmente valer o que valem os seus erros, que podem ser muitos, e não o que dizem os seus clubes de fãs. Recomendaríamos assim que se procurasse esclarecer bem o tipo de erros dos ídolos, se hoje ou de ontem ou de amanhã.

Os preconceitos de alguns grandes autores e mesmo as suas opiniões e *engagements* ideológicos e afins podem não comprometer a sua inteligência, a sua qualidade *tout court*. Sim, mas não se poderá certamente fundar uma democracia em Hobbes, Nietzsche, ou Carl Schmitt. Uma coisa é a qualidade em absoluto, outra coisa é a justeza de uma fonte para, por exemplo, fundamentar uma ideia ou uma corrente. Já vimos usar o nome de Michel Villey para justificar coisas completamente contrárias ao que disse. O que aliás, em parte, ele vaticinou num posfácio ao seu livro sobre Direitos Humanos (*Le Droit et les droits de l'homme*, editado pelas PUF).

Coisa diferente são os erros mesmo, as ignorâncias, as más avaliações, dignas de mais ou menos palmatória simbólica.

Não falamos, por exemplo, na confusão do grande romancista que trocou as virtudes cardeais pelas teológicas, pois isso foi um simples dormir. Há coisas muito mais graves. Quando essas, independentemente da ideologia, começam a ser bastantes, e repetidas em toda a obra de um autor, há que desconfiar. Mesmo contra os clubes de fãs. Uma das coisas mais importantes a fazer na Cultura e na Educação é libertá-las das capelinhas que endeusam gurus como se fossem génios, e da complacência laxista que, aliás na mesma linha, considera pelo menos muito talentosos ou aprováveis discentes que não sabem ler, escrever e pensar minimamente. Mas essa não é tarefa de uma pessoa, de um professor. É programa para toda uma geração (ou várias), dentro e fora das escolas.

4. Pedras-de-toque formais. O Exemplo dos Erros Ortográficos

Há pedras-de-toque formais, imediatas, pelas quais muitos avaliadores julgam o que têm pela frente. Um desses avaliadores instantâneos, com o seu peso (embora valha o que vale...) é a competência ortográfica.

De gralhas ninguém está livre. Erros ortográficos em palavras inusuais também são relativamente desculpáveis, com alguma indulgência. Mas que dizer de vanglórias de auto (e hetero) promovidas importâncias académicas (sim, académicas) com patentes erros ortográficos, daqueles em que as pessoas normalmente incultas, iletradas, caíam outrora *que nem patinhos*? Como é possível que a timidez, o medo, o laxismo, ou a distração de tantos professores nunca tenha reparado que Fulano ou Beltrana não sabiam realmente escrever a sua Língua? E nada tem a ver com acordo ortográfico, "ora pois"...

VII. Avaliação e Mérito

1. Avaliação, Prova Real

Por vezes, as coisas que temos que avaliar ou apreciar são tão inacreditáveis (num livro, numa palestra, numa tese, etc.) que o discreto e ponderado observador, mesmo que tudo o que saiba e tudo o que sinta lhe diga que aquilo não vale nada, procura não ser parcial, nem injusto, nem excessivamente exigente, e vai metendo entre parêntesis a sua vontade de dizer que não, que aquilo não presta, que não pode ser, que seria o descalabro. Reserva a sua opinião, chega a duvidar dela. Porque a qualidade baixa muito e a petulância sobe na razão direta desse abaixamento de nível...

Aí ocorre que outro observador, ainda mais discreto e mais prudente, confessa ao primeiro que não aguenta, que não tem jeito. E mais outro diz a cada um dos dois, com extrema discricção, que realmente nem os mínimos são cumpridos, e que violentaria a sua consciência se deixasse passar uma coisa assim tão horripilante.

Então o primeiro observador ganha coragem e sente-se confortado na sua opinião, E por uma atitude qualquer os três acabarão certamente por desmascarar ou reprovar o plágio, ou a fraca qualidade, ou o que favor que não tem nível.

Mas e se os três se acanham, se abstêm, se temem represálias? E desde logo a fama de irem contra correntes e de serem desmancha-prazeres e muito rigorosos, exigentes... ou mesmo pior? Nesse caso terá passado por bom um mau aluno, um mau professor, um mau autor de tese, um mau pesquisador, um mau especialista, um mau diplomado, um mau profissional, um mau dirigente, sabe-se lá se um mau que pode subir demasiado? Sim, subiu já demasiado ao ter podido apresentar esse mau trabalho, ao tê-lo publicado, etc.

Pelo contrário, como é lindo e exaltante ver a euforia coletiva (ainda que contida) quando uma banca recompensa com alta nota alguém que realmente sente merecer pelo seu concreto trabalho de qualidade. Aí o fazer justiça é igual, mas pelo prémio. A concretização do valor Justiça transporta sempre ao céu aqueles que a fazem.

E por isso é que é sempre meritório haver júris, ou bancas, ou tribunais em que haja colegialidade. Mas colegialidade mesmo, em que cada um se sinta livre para avaliar por si...

2. Avaliar é também dar sentido ao mundo

Há uma grande diferença em encarar a Universidade com esmero, paixão e dedicação, ou alinhar pelo chamado "quick and dirty"... O problema é que no final em muitos casos o dedicado será humilhado e o outro exaltado... Uma questão de *marketing* pessoal, amigos, empenhos, políticas, ou apenas a punição justa de um *karma*?

Um dos principais deveres de quem tem algum poder (a qualquer nível) é o de premiar os que merecem e não premiar os que não merecem. A todos os níveis. E sempre. Sem isso, o mundo perde sentido. Uma das principais funções do Direito é contribuir para dar sentido ao Mundo, pelo menos pela justa punição. O prémio poderá ser dado por outros, como melhor veremos *infra*.

3. Decapitação do Poder e Declínio do Mérito

No nosso tempo, em grande medida os grandes problemas não são discutidos, e caminhamos para o abismo preocupados com o que querem que nos ocupe. Não determinamos minimamente, como hoje se diz, "a nossa agenda"...

Mas os juristas têm uma missão especial, um compromisso especial deontológico e ético em geral, para com a sociedade. Não podem ficar parados e conformados perante a injustiça, a manipulação que é uma sua forma, e a omissão, a passividade que configura certamente um *dolo eventual*...

Uma questão fulcral a que o jurista não pode ficar indiferente é a da perda da qualidade das lideranças, a muitos níveis. Um ataque terrorista? Uma crise económica? Uma guerra mundial? Um tremor de terra? Imagine-se o que se quiser. Sim, tudo isso, sendo terrível, é muito menos terrível quando quem manda está à altura. E também num emprego, numa cidade, numa casa. Por toda a parte, se o poder está em boas mãos, podemos muito mais ficar tranquilos. Mas a sociedade do medo sublinha o medo e as ameaças. Não nos tranquiliza nada quanto a quem terá que enfrentá-los. E é curioso, porque poderia fazê-lo com mera propaganda... Parecemos decapitados todos... Sem cabeça, sem cabeças... Até que ponto vai o simbolismo da ofensiva mediática do "EI"?

Como se sabe, governar vem de um verbo grego que significa também apostar a cabeça. E pô-la no cepo. Quem supremamente manda joga no limite a sua cabeça. Nas sociedades civilizadas e fora de casos de guerra e afins, do que se trata é do simbolismo da cabeça e do rosto (Lévinas), a própria face *que se pode perder* no caso de má governação. O governante, aí, talvez porque não tenha tido a cabeça no lugar, ou por ter perdido a cabeça, acaba por mostrar que tem mais que um rosto, e *perde a face*. Dirão então os seus contraditores que *não tem vergonha na cara*.

De qualquer modo, o problema ultrapassa muito largamente qualquer país em concreto e todo o poder político.

As sociedades que estamos a criar são o preciso contrário da meritocracia. Nem sempre é assim, mas ocorre cada vez mais: Começa com o *passa-culpismo* (laxismo) e na escola tendendo para hipermercado de títulos fornecidos por profissionais desconsiderados (e muitos profundamente deprimidos), passa à escolha leviana nas eleições, ao consumo dos produtos mediáticos enlatados e manipulados ideologicamente que nos querem impingir. Enfim, é a aceitação de vidas sem sentido e com muito sofrimento (e / ou muita alienação), decididas em grande medida por quem não tem valor, nem capacidade, nem estudos, nem experiência, nem mérito. E muitas vezes nem ética.

Uma das maiores sortes na vida é admirar quem manda em nós. A todos os níveis. Outra grande sorte é não ter quem mande em nós. A maior sorte: não ter quem mande em si nem mandar em ninguém (já os Gregos o sabiam). Isso, porém, é dado a poucos.

VIII. Pedagogia e Exemplo

1. Exemplo como Pedagogia

Obviamente que o sentido do mundo, em qualquer idade, mas sobretudo nos mais verdes anos, nos é dado pelo exemplo, pela justiça, verdade e adequação do discurso e dos atos dos mais velhos, dos mais considerados, dos hierarquicamente superiores, a começar pelos pais e a terminar nos governantes. Mesmo as crianças parece terem um sentimento de Justiça, mesmo alguns animais, ao que parece (pelo estudo da etologia e das protonormatividades lá chegamos)

A ideia de Ordem anda associada ao facto de o Mundo ter uma narrativa justa, em que o bem é recompensado e o mal punido. Embora sobre a parte da recompensa se diga que é uma interpolação de Triboniano no corpo do Digesto.

Seja como for, quem nasce e cresce numa situação de muito completa anarquia opinativa em que prolifera uma muito má reputação de quase todos os personagens significativos (políticos, gentes das colunas sociais, gentes dos *media*, magnatas, etc.) certamente terá dificuldade em consolidar os seus valores... E certamente acreditará que o mundo é mesmo dos mais fortes, dos mais espertos, dos mais predadores. E não é isso que vê? Ou seja, terá antivalores.

Aguenta-se contudo bem, no plano da ética republicana, uma ditadura em que os maus, radicalmente e obviamente *maus* é que mandam (tudo está claro), ou uma democracia medíocre (meio oligárquica, *ma non troppo*) em que todos são mais ou menos pequeninos, mas razoáveis...

Pode porém ser catastrófico para muitas gerações a continuação de uma guerra de todos contra todos, em que todos atiram pedras uns aos outros e nenhum estaria livre de faltas.

Evidentemente, há ainda pessoas honradas, mas é muito preciso que essas sejam visíveis e atuem, e passem a ser apontadas como exemplo. Claro que todos podem ter os seus defeitos. Até parece ser má para a política uma virtude excessiva, como a de Robespierre. Mas as qualidades republicanas, essas, têm de ser evidentes e claras. E esses terão que ser os exemplos do futuro.

A Escola não está de modo algum fora desta questão. A Educação tem de empenhar-se em consolidar a Ética Republicana. Mas todos têm de dar o exemplo. Sim, evidentemente que copiar num exame (colar) é corrupção. Ou, pelo menos, o princípio dela... E sem dúvida uma boa escola para ela.

2. Interpretação dos Exemplos

Todos os “exemplos”, desde logo os “exemplos de vida” e as “vidas exemplares” comporta interpretação. Por vezes, as interpretações não alcançam aspetos essenciais. Um exemplo, neste diálogo:

- Professor, como o Senhor produz! É incrível... etc, etc... (imaginem o resto, por favor, muito elogioso, naturalmente).

- Nem imagina como poderia fazer mais (e bem melhor) se não estivesse, como infelizmente tantos, aprisionado com tantas corveias sem sentido, do quotidiano e da burocracia...

- Então é triste... Mas acho que está sendo modesto...

- Não, não... E talvez melhor assim... Se eu tivesse tempo, acabaria por fazer mais e irritar ainda mais os que nada fazem... Assim pode ser que não se apercebam... E me deixem um pouco em paz.

3. Universidade e Circunstância

O universitário mais clássico, depurado na sua atividade (embora possa haver sempre híbridos de grande qualidade), não se mete em política direta e ativamente (ou só o fará excepcionalmente em casos de grave crise e como que em estado de necessidade), mas não pode deixar de estar atento ao que se passa à sua volta, e portanto, também, à evolução da *res publica*. Portanto, vê, ouve e lê, e assim *não pode ignorar* (como no poema de Sophia de Mello Breyner), e não pode impedir-se de pensar.

O panorama que envolve a academia, e que a influencia, e mesmo condiciona não é famoso, pelo contrário, é deveras preocupante, em muitos países. Até em países que poderiam placidamente estar longe de mais graves problemas, parece que os procuram, e alguns deles mesmo visando retrocessos educativos e especificamente universitários.

Por outro lado, em geral, há sinais de alarme. É triste o espetáculo de guerra civil verbal que em crescendo vai ocupando a agenda em diversas sociedades, hoje.

É triste ver que enquanto os atores políticos de vários graus se digladiam, subindo o tom e as formas exponencialmente, os problemas reais dos países se agravam, e as pessoas comuns mais sentem que essas polémicas pouco lhes dizem respeito: em grande medida sem razão, porque abstenção é sempre ação.

É triste que até pessoas com responsabilidades (e respeitadas) deformem realidades até laterais, para mais com que não têm nada de significativo a ganhar, usando subtilezas *pro domo*.

É triste que se enalteçam os próprios mentores, os padrões, os amigos, os parentes, ou os pupilos, em apologias tão óbvias que só poderão convencer incautos e quem não conheça as ligações referidas. A ética republicana aplicada à Escola deveria levar a alguma auto-contenção neste aspeto.

É triste que se promova o permanente autoelogio, ainda que (hoje raramente) com máscara de humildade. Será que elogio em causa própria deixa de ser vitupério no caso de académicos? Já estávamos habituados a políticos... Dizemos elogio mesmo, não subtil apresentação de méritos reais e não com retoques... Ainda assim, fica um pouco estranho ouvir que se é o melhor do mundo. Mostre-se o que se fez, o que se diz, o que se quer, o que se pensa... E o público concluirá...

Quando pensamos que para um Mestre Eckart (em *Von Abegescheidenheit*) a própria humildade já era uma demasia, um excesso, o que dizer do espantar as mínimas verdades (ou meias-verdades) simpáticas sobre si, e deformar as realidades para se aparecer como sendo o que se não é (e sobretudo, no meio universitário, ou à sua custa, tentando aparentar que se possui experiência, honras, títulos e graus académicos que ou ainda não estão terminados, ou não são bem – são menos – do que se apregoa). A questão não é, como proclamou um político português também historiador, é certo que com liberdade de título e conteúdo bem mais moderado, “morte aos doutores”. Se um doutor for mesmo, como se dizia na Idade Média, uma vera “testemunha da verdade” bem merece, a nosso ver, que se lhe dê essa honra (de ser tratado por tal). Mas tem de ser mesmo Doutor, e não, como se dizia proverbialmente, mero “doutor da mula russa” (como se sabe, antes dos automóveis era frequente os médicos andarem de mula: até Pascal e mesmo Rabelais parece terem-no lembrado).

É triste que o "óbvio ululante" seja abafado pelo grito do preconceito e do interesse mais sinistro.

É triste que tantos frite os miolos para desencantar argumentos mirabolantes para tentar convencer os demais das fábulas mais infantis.

É triste que a Lei e antes de mais a Constituição sejam por tantos metidas na gaveta (e fechadas a sete chaves), como se tudo no mundo social e político apenas se decidisse pelo alvitre de grão senhor de uma qualquer Sua-Excelência pode-tudo e/ ou sabe-tudo, institucional ou mediática.

O valor da opinião de cada um deve ser medido pela dimensão ética, pela justeza lógica e pela adequação situacional respetiva. Não pelo tamanho dos seus coturnos, pelo grupo de amigos, sequazes e parentes que tenha, pelos malabarismos oratórios, pela aura de empréstimo que se lhe criou, ou outras coisas adventícias.

Evidentemente que a Escola e a Universidade em particular teriam uma enorme responsabilidade na formação cívica, nomeadamente pela desconstrução das ilusões e alienações e dos ídolos, porque o seu compromisso deveria ser só com a Verdade: ao menos da tentativa de caminhos para ela. A Escola pública precisa também resgatar-se da penúria de meios a que está votada, e da opressão produtivista e burocrática, que a desviam da sua função criadora e libertadora. A privada precisa de

prezar mais a sua liberdade, e não imitar tanto a pública, por vezes até a superando em alguns dos seus erros, para que não pensem mal... Ou mal avaliem...

Já é tão difícil tentar manter o caminho da busca do vero, que fará seduzidos por tanta mentira propositada, tantas papeladas e informatices...

Por isso é que são de saudar, como lufada de ar fresco e esperança de regeneração coletiva, os intelectuais, os professores, os políticos, os líderes religiosos, que ousam abandonar os preconceitos e os ódios ancestrais que alimentam as mais baixas pulsões, ao mesmo tempo que o discurso tecnocrático ou pomposo, sempre oco e redondo, do faz-de-conta, e com firmeza, esclarecimento e sentido de Futuro, são capazes da clareza límpida de propostas de Saber, de Paz e de Justiça.

Os que sabem olhar nos olhos e falam claro, só esses merecem a nossa confiança. Ao transigirmos com os demais, por hábito, complacência ou ilusão, estamos a ser boa parte do problema.

A luta por (ou contra) nenhum governo vale a destruição de um País por desgastes intestinos e conspirações permanentes. O afrontamento artificial e empolado nas sociedades naturalmente pluralistas de hoje não conduz a nada de bom. E há confrontos em que alguns tudo jogam que não terão presumivelmente vencedores. Só vencidos. A paz social, a convivência e o *fair play* democráticos arriscam-se seriamente em alguns casos, num retrocesso moral e civilizacional significativo. Há linhas que não podem ser transpostas porque são fronteiras de não retorno. É também, ou será antes de mais, uma questão de Educação.

Acreditamos que haverá ainda um conjunto de pessoas moderadas que poderão ultrapassar os fanatismos em crescendo, as traições oportunistas, os oportunismos traiçoeiros, a falta de escrúpulo, a ausência de visão, o simples interesse. O tempo dos pseudo-moderados sinuosos e esquivos passou. Nunca resolveram nada senão as suas vidas. Agora é necessária uma moderação afirmativa. A falta de modelos (de heróis a sério e de heróis para o nosso tempo que já não pode ser a preto-e-branco, maniqueísta) reside também na falta de coragem de muitos.

IX. O Método do Desconfiar

Penso, logo desconfio. É um novo *cogito*, de cautela, dada a profusão de produtos de péssima qualidade e mesmo de trabalhos fruto de maior ou menor fraude.

Muito especialmente em matérias opinativas, em que entra a paixão, mesmo dos mais depurados e renomados cientistas. Um Prémio Nobel da Física (ou da Paz, ou o dito Prémio da Economia, que o não é bem) têm paixões, têm interesses, estão no Mundo. Podem enganar-se e podem colorir as coisas *pro domo*. Não dizemos evidentemente que o façam, mas que, sendo pessoas, o poderão fazer...

E de vez em quando acontecem e são noticiadas, e são academicamente reportadas mesmo coisas estranhas, pelo bem que caem a certos interesses, reputações, etc. Pelo mal que tão a propósito provocam a outros quadrantes, interesses, etc. Podem ser, de facto, coincidências. Mas há coincidências muito convenientes. Muito oportunas, para alguns.

Entretanto, há um texto publicado postumamente, da autoria de Georges Dumézil que explica as situações de semelhança: nem sempre semelhança é influência de um noutro, ou causalidade de uma coisa por outra. Num mundo em que tanto se mistifica e se criam factos (se inventam e deturpam factos) não cremos que seja mau método desconfiar por princípio. Não é a dúvida metódica, é a desconfiança sistemática.

Foi a isto que a mistificação política, mediática e a autopromoção do exibicionismo público (mesmo de particulares anónimos) conduziu. Sei que não

estamos desacompanhado em desconfiar... Só que muitos não se atrevem a confessá-lo, escondendo-se, nesta como em muitas outras questões, sob a capa confortável de uma hipócrita adesão ao educativamente correto, a ideologia educativa toda poderosa em curso.

É sem dúvida deprimente, mesmo triste, ter de desconfiar; mas a alternativa redundante, frequentemente, em viver iludido.

X. Estudante de Direito, um Super-herói?

Aparecem com alguma frequência declarações enfáticas e até produtos gráficos eloquentes e exageradíssimos com declarações heroicas, pomposas, exaltantes, a propósito de estudar, *seguir os seus sonhos* (de alcançar diplomas), de triunfar passando em exames e bancas, etc., etc. No Direito isso parece ser ainda mais sublinhado, talvez por reminiscência (in)consciente dos tempos em que era muito, mas muito difícil obter graus nesta área.

Vejam as narrativas hodiernas. O heroico e hercúleo protagonista desta saga do estudo não poderia ser vencido nem por nenhum canto de sereia (festas, baladas, sobretudo) nem por sequer nenhuma limitação fisiológica naturalíssima (por exemplo, o simples sono). Tudo venceria, numa dedicação e abnegação totais ao estudo. Poderia fazer sua o lema latino de uma cerveja sem álcool segundo o qual o vencedor é quem a si mesmo se vence...

Conhecemos bem do que se trata, em vários países. Mas, se é preciso alguma inteligência e dedicação, asseveramos que não são necessários super-poderes ou super-qualidades, ou super-abnegação de pessoa sem sono.

Agora imagine-se o que se requer para provinha simples, com professores muito prestativos, sorridentes e sinceramente amigos, sumamente complacentes, que dão pulos no inferno para inventar provas fáceis. Noutros tempos, o professor parecia procurar o que o estudante não poderia saber, hoje afana-se a perguntar o mais óbvio do óbvio (e mesmo assim por vezes não consegue grande sucesso, ou nenhum). Não, não é nada preciso sacrifício especial. Uma mínima atenção, uma muito elementar inteligência, uma assiduidade básica, algum estudo, pouquinho. Bem pouquinho.

Esta perspectiva de endeusamento e exaltação vai na linha da glamourização (pseudo-glamourização) da vida académica, que em nada se distinguiria das passagens de modelos, das vernissages, das poses de estrelas... Não, lamentamos estragar a gala: A Universidade e os seus labores não são isso. Nem no sacrifício, nem no prémio...

Antigamente, os estudantes de Direito eram notados pela sua especial discricção, e até empenhamento, mas sem exageros, em geral. A forma pausada e ao mesmo tempo profunda e cheia de bons argumentos (era a boa Retórica a fazer os seus efeitos), até a forma de vestir, distinguíam-nos. Todas e todos pareciam já juristas em ponto pequeno no primeiro semestre...

Um dia, um parente muito mais velho que cursou ciências puras e duras, mas que sempre teve nostalgia pelas Letras (havia boa gente dessa, até um Reitor engenheiro que escreveu um livro sobre um filósofo medieval), lembrou os seus primeiros tempos de universidade. É uma narrativa muito esclarecedora de um observador amigo, mas de fora da "casta dos juristas": enquanto os seus colegas vieram de Coimbra a casa no Natal (para onde os do Norte normalmente iam, não havendo nesse tempo em Portugal o curso jurídico a Norte da cidade do Mondego), com belas sebatas de palavras novas e já se exprimiam numa nova linguagem de pura magia, os colegas que tinham ficado na Cidade Invicta sabiam mais umas fórmulas, tinham feito mais umas experiências em velhos laboratórios (então), mas não tinham saído pessoas melhores, nem mais eloquentes, nem mais sábias.

Hoje esse fascínio esvai-se, e em muitos lugares ninguém distingue um candidato a jurista de outro estudante qualquer... Tem coisas positivas esse esbatimento do que era também elitização (e nalguns casos algum aburguesamento, que poderia chegar a algum provincianismo *snob*). Mas tem a grande desvantagem de os candidatos a juristas terem perdido, em alguma medida, em alguns países pelo menos, o *esprit de corps*, que também é o espírito universitário *tout court*.

Uma síntese futura não seria difícil de encontrar... Ela vai existindo já em alguns lugares. Mas os seus protagonistas, Professores e Estudantes, nem sempre se acham apoiados e incentivados. Os exemplos em muitos casos não são animadores. E não adianta muito tentar tapar o sol com a peneira... Mas nada está perdido enquanto houver a resolução de seguir e frente, *suaviter in modo, fortiter in re*.

Recebido para publicação em 20-12-15; aceito em 15-02-16